

MULHERES NAS PRANCHAS: trajetória das primeiras competidoras do surfe carioca

Ana Carolina Costa Cruz¹

Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar os primórdios do surfe feminino no Rio de Janeiro, compreendendo os processos históricos relativos à inserção e à permanência da participação das mulheres no surfe carioca. Ao investigar a trajetória de vida das pioneiras do surfe carioca, analisando os momentos históricos da modalidade na década de 1960, espera-se dar uma contribuição para desvendar as lutas femininas em um espaço específico. Busca-se também ampliar o olhar sobre o surfe, um dos mais importantes esportes no cenário contemporâneo, discutindo a participação das mulheres em espaços públicos de lazer, bem como identificando as estratégias que elas usaram para se fazerem presentes no surfe.

Para alcançar os objetivos anteriormente expostos, foram realizadas entrevistas com competidoras do primeiro evento oficial de surfe no Brasil, na praia do Arpoador/RJ, em 1965, Maria Helena Beltrão, Fernanda Guerra e Heliana Oliveira. Essas mulheres participaram do evento em um momento de início de ditadura militar, em que a modalidade se constituía em meio a preconceitos de classe e posteriormente discriminado por relações com o movimento hippie e o uso de drogas. Essas mulheres viveram o momento de transformação na maneira de surfar, que passou a ter manobras/curvas e não se limitar a descer a onda em pé.

A metodologia utilizada é a da História Oral. Segundo Verena Alberti (2005), trata-se de um método que privilegia a realização de entrevistas como forma de

¹ Mestranda em Educação Física na Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora de Educação Física da Prefeitura do Rio de Janeiro.

aproximação do objeto de estudo, conseqüentemente produzindo fonte. A versão do entrevistado representa a ideologia em movimento e é legítima como fonte.

Nesse artigo, discute-se a trajetória histórica do surfe e a presença feminina nessa história com uma análise das entrevistas realizadas com as pioneiras do surfe feminino. Na conclusão, apresenta-se um olhar prospectivo da trajetória dessas mulheres, compreendendo os processos históricos de inserção e permanência da participação das mulheres no surfe na década de 1960.

Os primórdios do surfe carioca para e pelas mulheres

Segundo Dias, (2008, p. 97) “nos idos de 1950, já era possível ver alguns jovens cariocas se divertindo ao deslizar nas ondas a bordo de tábuas de madeira”. Esses jovens trocavam o mergulho pelo surfe em pé em tábuas de madeira. As pranchas eram feitas de compensados de madeira em forma de portas (às vezes as próprias portas), com os bicos arredondados e quase todas com uma quilha grande e retangular pregada ou parafusada na rabeta da prancha. Os surfistas usavam nadadeiras para ajudar na remada, devido à pouca flutuação das pranchas, ou seja, necessitavam de propulsão para alcançarem a velocidade necessária para entrarem nas ondas.

Fernanda Guerra começou a surfar no início dos anos 1960 no Arpoador, que também segundo ela foi onde o surfe começou. Sempre gostou muito de esportes, era competidora de natação na escola² e diz que os professores sempre a chamavam, pois sabiam que ela gostava. O surfe era um esporte ainda iniciando no Brasil e poucas meninas surfavam.

Eu comecei a pegar nessa época, com o Arduíno Collasanti, que ele tinha paciência para me empurrar. Porque no começo era com pé de pato, tinha que colocar o pé de pato pra ir remando até lá fora. Ai eu ficava chateando ele pra ele me empurrar, me empurrar, ai comecei a pegar onda assim (Fernanda Guerra).

² Fernanda Guerra e Maria Helena Beltrão estudavam no Colégio Anglo Americano.

As pranchas de madeirite eram finas, com pouca flutuação, Maria Helena também comenta a dificuldade que seria para surfar com pé de pato, se não fosse pela ajuda dos meninos:

E eu fui fazer de prancha de madeira junto com a Fernanda. Só que naquela época você tinha que pegar onda com o pé de pato, subir na prancha com o pé de pato era horrível, atrapalhava. Então os meninos empurravam a gente na onda e aí a gente ficava em pé na prancha e descia (Maria Helena Beltrão).

Lorch (1980) os denomina de primeira geração do surfe. Essa geração é marcada por geralmente construir suas próprias pranchas, orientados por construtores navais ou marceneiros. Bruno Hermany, George Grande, Jorge Paulo Lehmann, Paulo Preguiça, Irency Beltrão, Arduino Colassanti e outros iniciavam a história do surfe no Rio de Janeiro (LORCH, 1980, p. 22). E a partir de 1962/63, quando começou a se fabricar e comercializar pranchas de madeirite, em Ipanema, o surfe passou a ser praticado por mais pessoas. Até então, o surfe para os brasileiros consistia apenas em descer as ondas e manter-se em pé.

A década de 1960 no Brasil foi o momento de transformação do surfe. As primeiras marcas de surfwear ganham vida e a indústria cultural apresenta a prática à população.

Era referencia, as duas, Arpoador, pegando onda que ninguém pegava, imagina. Mulher pegando onda tinha uma meia dúzia que pegava. Não era todo mundo que se atrevia a pegar onda. Eu e a Fernanda estávamos mais em evidencia na realidade. Por exemplo, eu fiz muita propaganda, de cigarro, a gente nem saía da praia. Os caras chegavam, pagavam a gente na praia. Eu fiz uma propaganda uma vez pra Hollywood que eu era uma arquiteta, imagina, aparece eu num escritório bom, um dos escritórios mais modernos do RJ, eu na prancheta fumando, depois aparece eu na praia pegando onda. Ah também, o primeiro efeito de televisão, eu tinha um cabelo cumpridão, eu tinha mania quando eu estava remando e ficava com calor, eu enfiava a cabeça dentro da água e fazia assim, e com água o cabelo fica lindo, o cara fez isso e saiu uma propaganda: eu aparecia, meu cabelo fazia três vezes fazendo assim (um leque de água) era um efeito. Fazia um sucesso aquela propaganda que tinha o cabelo. O esporte de repente começou a ser em todos os sentidos muito bem divulgado. Talvez tenha começado com surfe, essa divulgação. É um esporte bonito, então todo mundo

queria ver, queira aparecer, as propagandas queriam colocar o surfe. Hoje em dia fazem com jogadores de tênis, jogador de futebol, mas o surfe ainda tem um lugar impressionante (Maria Helena Beltrão).

Além das propagandas realizadas nacionalmente, Featherstone (1991) citando Hollywood, diz que o cinema ajudou a criar novas etapas de aparência e preservação corporal, construindo o que seria um ‘bom look’: perfeição física. A indústria cultural ajudou a popularizar o corpo atlético e as imagens de praias ajudaram a legitimar o sucesso desse modelo corporal.

Principalmente nas décadas de 1920 e 1930, novos sentidos na prática esportiva começam a se configurar. Nos estudos do professor Barickman (2008), identificou-se que no início dos anos 20 os banhos de mar assumiram outro significado. O bronzamento passou a ser bem visto - anterior a esse período, a cor morena estava associada a trabalhadores desvalorizados. Essa mudança cultural ampliou e modificou hábitos da população.

O esporte começava a ser caracterizado por suas virtudes e sua vinculação com um estilo de vida urbano. Melo (2001, p. 123) afirma ainda que “a urbanização trazia interferências na reformulação dos papéis femininos”, embora os hábitos e costumes não mudassem tão rapidamente. Durante algum tempo, as mulheres permaneceram afastadas do esporte, pois “ao redor dessa prática se construía uma visão antagônica dos papéis delas esperados” (MELO, 2001, p.123).

As três entrevistadas surfaram primeiramente com madeiriti e depois com as pranchas de fibra de vidro. Elas participaram dos primeiros momentos e são unânimes em relatar as facilidades adquiridas pela modificação do material utilizado. Maria Helena já era namorada do Irency Beltrão, um dos primeiros a fazer prancha de fibra de vidro no Rio de Janeiro e conta com detalhes:

O Irency foi uma vez a Ilha do Governador, numa fábrica de lancha e viu eles fazendo uma lanchas de fibra de madeira curvas, curvadas as madeiras. Ele achou que aquilo era um ótimo jeito pra fazer uma prancha de surfe. Então ele desenhou a prancha, ele diz da pra fazer assim, da, dá,... ai ele fez três pranchas de surfe, uma pra ele, uma pro Russo e uma pro Ronaldo Mentira. Os três tinham essas pranchas. Ai não diziam pra ninguém, pq naquela época era mistério, era segredo

ninguém podia saber. Ai começou a quebrar, alguém contou para o Arduino, ai ele foi lá fez a dele (Maria Helena Beltrão).

Arduíno Collasanti além de fazer a dele, a terceira prancha que fez foi para a Fernanda Guerra. Ela relata que esse foi um dos motivos que ajudou a ninguém discriminá-la no surfe, pois caso contrário não emprestaria sua prancha. Todas comentam que a partir dessa transformação das pranchas o surfe começou a evoluir, embora a produção ainda fosse pequena e muito demorada.

Heliana Oliveira relata ter tido três pranchas de fibra de vidro.

Comecei com uma prancha vermelha, a foto na revista Manchete é com ela, ela tinha um enorme quebrado no bico, mas eu surfava com ela assim mesmo. Depois eu tive uma verde. Todas de fibra. Depois eu tive uma Hansen, prancha importada das antigas. Eu tive três naquela época. Eu vendi essa prancha verde pro Fabinho Kerr, filho do Yan Kerr, ele que ficou com essa minha verde (Heliana Oliveira).

Fernanda foi para a França e trouxe uma prancha de lá. Quem surfava e morava no Arpoador eram descendentes de estrangeiros em sua maioria como disse Maria Helena:

O Arpoador era uma praia em que a maioria das pessoas que estavam lá ou eram estrangeiros, ou filhos de estrangeiros, então não tinha essa história. Era um lugar que se ditava moda, onde todo mundo era diferente, a maioria era louro de olho azul. Era uma tribo totalmente diferente do resto do RJ. Um lugar muito especial, muito legal (Maria Helena Beltrão).

Percebe-se que a ligação com estrangeiros consolidou esse tipo de lazer no Rio, que, inicialmente, foi praticado por uma classe média que tinha acesso as revistas gringas e faziam viagens ao exterior. Essa proximidade acelerou mais ainda a difusão do surfe em Ipanema. Toda essa cultura corresponde: [...] à incorporação de modelos de prática vindos dos Estados Unidos; representa a integração definitiva do lazer praiano carioca à dinâmica mundial de popularização deste esporte (DIAS, 2008, p. 107).

Após as grandes guerras, uma fortíssima influência norte-americana conquistava o mundo em diferentes setores. Segundo Dias (2008, p. 91), “a cultura norte-americana do lazer e, sobretudo, sua embrionária indústria de turismo desempenharam papel importante na definição do surfe em termos esportivos, pois foram responsáveis pela

redescoberta do Havaí como lugar de um novo hedonismo”. Considera-se hedonismo o prazer individual e imediato da prática como finalidade de vida. A princípio, o surfe foi visto/vendido desta forma.

Ou seja, a indústria do entretenimento criada pelos americanos ressignificou as ilhas do Havaí, construiu um imaginário das ilhas dos sonhos, cheias de bailarinas com saias de palha, surfe, natureza, flores e praias paradisíacas. Dias (2008) cita filmes que foram produzidos, divulgando liberdade, romance, sedução, drogas e cultura distinta. Desde o início, o surfe passou por diversas mudanças em seus sentidos e significados.

O surfe feminino nos EUA, na década de 1960 era bem diferente da realidade brasileira.

Nos EUA, as surfistas eram mais radicais do que a gente. O nosso surfe era mais light, mais bonitinho assim, sabe de pegar onda mais... as meninas já eram, faziam manobras mais radicais, mas com a prancha grande ainda, tava na fase de prancha grande. O que tem de surfistas hoje brasileiras muito boas, eu fico impressionada. Eu acho um barato porque nós é que começamos isso (Maria Helena Beltrão).

Já, no Brasil, a competição no Arpoador:

É engraçado as pessoas que competiram nesse primeiro campeonato, cada um ia lá e assinava seu nome, quem assinasse estava participando. Quem vai entrar? Passava o caderninho e todo mundo ia assinando, acharam essa lista, não sei quem tinha essa lista, estava guardada com alguém. E não tinham muitos campeonatos, tiveram alguns, eu me lembro de uns dois ou três na nossa época.(Maria Helena Beltrão).

A primeira foi bem bacana. A Fernanda ganhou em primeiro, a Maria Helena segundo e eu terceiro. Os namorados delas, atuais maridos, é que eram os juízes. As meninas todo mundo entrava junto, não tinha bateria não, porque eram poucas meninas. Dos meninos deviam fazer baterias, porque eram mais meninos. Nós entrávamos juntas, eram no máximo 4 ou 5, não tinha porque fazer separado. Particpei dos três campeonatos, o primeiro eu ganhei em terceiro, o segundo em segundo e o último fiquei em primeiro lugar. Eu tenho as taças lá em casa (Heliana Oliveira).

Marcava uma data para o campeonato e cada um treinava por conta. Não tinha treinador, não tinha nada disso. Era um esporte novo, até o critério de julgamento era, se comparar com hoje, era meio ridículo. Não tinha interferência, não tinha prioridade,

podia entrar duas, três numa onda só. Quem manobrasse mais ganhava segundo o critério dos juízes, que davam a nota (Fernanda Guerra).

Os valores românticos se incorporaram às práticas esportivas na natureza, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial, sobretudo a partir dos anos 1960. Estar na natureza de maneira romântica era uma forma de transgressão, de rebeldia, de ruptura com a ordem.

Naquela época era de repente uma coisa de contestação pra mim, nunca fui uma pessoa convencional. A única pessoa que entrava com o mar grande era eu. Até hoje as vezes sou a única mulher n'água. Quando tinha onda no Pontão do Arpoador eu era a única menina que entrava. Era uma coisa de contestação mesmo (Heliana Oliveira).

Percebe-se que a preocupação maior era se divertir e estar na água. Competidoras eram amigas, emprestava-se prancha. Com o mercado esportivo hoje, o nível de competição, a exigência dos patrocinadores, tanto para ocorrer campeonatos freqüentes quanto para a vitória de seus atletas, modificaram. O contexto é outro e segundo Maria Helena, “perdeu-se o romantismo”. Heliana Oliveira também comenta:

Na nossa época não tinha muito esse negócio de competição, era mais brincadeira. Hoje não, rola dinheiro no negócio, aí a coisa muda de figura. Hoje com o dinheiro envolvido na historia, não é mais aquele romantismo daquela época. Era prazer somente. Competir pra se sentir bem, sabe é uma coisa tão boa você estar na água ali, mesmo quando você não esta pegando onda (Heliana Oliveira).

Essa estrutura de sentimentos que se intensificava após as guerras, favoreceu a organização e institucionalização dos lazeres na natureza e, mais tarde, dos esportes na natureza. “E a maneira como essas mudanças foram apreendidas e decodificadas é um outro elemento determinante para a conotação dos esportes na natureza como novos esportes” (DIAS, 2009, p. 366).

O surfe foi novo? Alterou dinâmicas sociais? Ampliou os papéis e expectativas das mulheres? Por muitos anos, o surfe foi praticado exclusivamente por homens. São poucos os relatos de mulheres na história do surgimento dessa prática. Seria essa inserção parte de uma luta da mulher em ampliar suas possibilidades sociais? Ou simplesmente diversão?

Era tão normal ser surfista, naquela época fazia parte da gente, estar lá pegando onda e curtindo na praia que era o que a gente gostava. Fazia parte da vida da gente (Maria Helena Beltrão).

Naquela época era muito bom, todo mundo amigo, conhecido, a gente ficava na água numa boa, não tinha disputa. E eram as mesmas pessoas (Heliana Oliveira).

No Rio de Janeiro, o surfe faz parte da história do bairro de Ipanema: o “Arpoador começou a receber uma legião de banhistas que consciente ou inconscientemente tentavam partilhar os valores e visões de mundo que haviam sido protagonizados naquela faixa de areia” (DIAS, 2008, p. 119). O cinema novo e a bossa nova difundiam esses valores e os artistas e intelectuais compartilhavam o mesmo espaço dos surfistas, a praia. A turma de Maria Helena e Fernanda gostava mesmo era de rock, Rolling Stones. Existia a influencia da bossa nova também:

Bossa nova pegou muito na nossa época principalmente, porque o Marcos Valem e o irmão dele eram surfistas, então a gente tinha sempre a história da bossa nova ali por perto, que o pessoal curtia. A Sonia que foi casada com o Carlos Feitosa (campeão brasileiro de vôlei, amigo Irency, treinava salto com cinto de mergulho na sala do casal) era sobrinha do Tom, então. O pessoal gostava de música, mesmo assim nós jovens gostávamos de música estrangeira, Rolling Stones, a festa era rock, todo mundo só queria saber de rock, não estava nem ai pra bossa nova. Bossa nova era coisa de pessoa mais velha e a bossa nova era uma coisa meio de fossa. A turma gostava mais de Rolling Stones do que de Beatles (Maria Helena Beltrão).

Além de valorizarem as músicas estrangeiras, aderiram ao Bob’s, único na cidade.

O nosso ponto de encontro era o Bob’s de Ipanema e tinha o Gordon em Copacabana, larica de fim de noite era o Gordon. O Bob’s de Ipanema era o único que tinha, porque Ipanema não é o que você vê hoje. Há 40 anos atrás era uma maravilha. Eram uns garotos de praia que passavam pegando onda a manha inteira e depois ficavam curtindo de noite (Heliana Oliveira).

Saia todo mundo da ROXY e ia pra Bob’s, era o máximo comer sanduiche e tomar milkshake (Maria Helena Beltrão).

Até esse momento, as três entrevistadas dizem não terem sofrido nenhum tipo de preconceito e não lembram de estereótipos, pois todos eram amigos, a praia era deles.

Não acho que a gente tinha problema nenhum quanto a isso. Muito pelo contrário, o pessoal curtia, achava legal. Era uma coisa muito natural que a gente pegasse onda junto com eles. Não era nada diferente. As pessoas eram muito legais, pessoas de certo nível, pois era um esporte caro. Hoje se compra pranchinha bem barato. Naquela época não. Era pessoa de nível, mais instruído, pessoal educado. Então não existia isso de ser mulher não poder pegar onda, de jeito nenhum, muito pelo contrário, éramos super incentivadas. Cada uma com seu namorado, Maria Helena com o Barriga, Fernanda com o João, eu com Badué [...] (Heliana Oliveira).

Essa primeira geração do surfe feminino sai de cena, pois Fernanda se casa e vai morar em uma fazenda no sul do Brasil. Logo depois Heliana Oliveira com 20 anos sai do Brasil, casada com um diplomata e também se afasta da modalidade que começava a se constituir. Maria Helena se casa um ano depois de Fernanda, continua a surfar, julga três campeonatos no Rio Grande do Sul com seu marido, mas no Pier, segundo Maria Helena:

Eu nunca vi a Leila di Diniz, eu nunca fui pro Pier. Porque nessa época nós já estávamos casados eu e o Irency, e lá a turma se drogava demais. Então a gente se afastou. Porque virou um problema sério, a maioria tava tudo doidão. E o Irency é bem careta nessa história. Saiu fora. Ai fizeram o Pier, e o point passou a ser o Pier. E lá estava Gal Costa, Leila Diniz, aquela turma toda. Isso foi em 70, 70 e pouco.

E Fernanda Guerra também comenta:

O pessoal tinha muito preconceito. Surfista era malandro, maconheiro, drogado, tinham sim. Bastante preconceito. Na minha época não, o surfe era novo, ninguém sabia nada. Veio depois, na época de Saquarema, dos festivais. E hoje em dia a maioria deles são todos profissionais não usam nada, a maioria, a competição é tão grande. Lógico que deve ter um monte ainda que usa, tem um monte deles que é maior drogadão em todos os esportes.

O Pier e os festivais de Saquarema parecem ter sido determinantes na construção de uma representação estereotipada do surfe, e Maria Helena ainda acredita que possa ter sido uma das causas de muitas mulheres não terem permanecido no meio. Na década de 1970, nos festivais de Saquarema, não teve categoria feminina e Fernanda Guerra comenta:

Era falta de interesse eu acho. Porque o surfe não era nem um esporte feminino, era um esporte mais pra masculino. Não que eu ache que ele seja masculino não, mas ele era tido como um esporte masculino. Aliás como a maioria dos esportes eram tidos como masculinos.

Além da falta de interesse e do uso de drogas, todas comentam o fato das pranchas terem diminuído, prejudicando a performance das mulheres, pois até para os homens, na década de 1970, ainda era um momento de aprendizado de surfe com pranchinha.

De qualquer forma, segundo Dias (2008), os surfistas se tornaram agentes transformadores no espaço da cidade. Os surfistas fizeram do Pier um espaço de lazer: ondas fortes e boas atraíam pessoas que, enquanto assistiam diariamente ao surfe, começaram a produzir e divulgar músicas e artes que contemplavam o barquinho, o mar, o sol. Enfim, fazia-se de Ipanema um mito. O surfe representava o estilo de vida que se produzia e se divulgava sobre o bairro.

No fim da década de 1960, início de 70 (revolução sexual provocando grandes transformações no mundo moderno e redefinindo identidades sexuais), o surfe se vinculou a um movimento de negação da vida moderna; os hippies foram exemplos clássicos. Dias (2008) diz que a questão era promover uma vida mais nômade (viagens constantes), deixar a artificialidade (alimentação natural) e entrar em contato com a natureza (preservação). Essas convicções impregnaram e até hoje impregnam o mundo do surfe, fazendo deste uma prática que envolve um estilo de vida e valores diferenciados.

Enfim, o Arpoador foi palco dessa contracultura³, em que o surfe, iniciado no Rio, tornou-se o primeiro centro comercial da prática corporal que se institucionalizou em 1965. Nesse ano, foi criada a Federação Carioca de Surfe por Walter Guerra, pai de Fernanda e Ylen Kerr. Fernanda Guerra e Maria Helena fizeram parte nessa fundação, embora digam não terem tido participação, só surfavam. De qualquer forma, representavam a federação em encontros importantes. Com o governador Negrão, por exemplo, quando a Federação conseguiu 200m na praia de Ipanema para a prática do

³ Ver Fortes (2009)

surfe, antes proibida até as 14h. Maria Helena diz: “aí as pessoas é que tinham que ter cuidado com a gente ali”.

Fernanda conta que durante a ditadura começaram a fechar o Arpoador às 18h, mas quando o mar estava bom, os guardas tinham dificuldade... não tinha lancha, jet-sky, então tinham que esperar.

Graças a ele (Walter Guerra) nós conseguimos aqueles 200m que era proibido pegar onda, porque como a prancha era muito pesada e grande, não existia strep. Ai só podia surfar depois de duas horas da tarde. Nossa sorte é que não existia jet-sky também, lancha, nada disso, os salva vidas tinham lancha mais era para uma emergência ou outra, não pra fazer ronda, pegando surfista dentro da água. Então quando eles vinham sai todo mundo remando pra fora e eles raramente pegavam a gente, porque era proibido depois das 18h.

Heliana Oliveira foi a única que participou da passeata na Cinelândia, talvez por influencia da escola. Seu pai, militar ficou com muito medo quando viu uma foto no jornal que aparecia ela e o irmão junto à multidão em protesto, dizendo que os reconheceriam e que isso não era nada bom. Coincidentemente ou não, Heliana casou-se e foi morar na Europa, já cursava Letras na UERJ, mas interrompeu o curso.

Já Maria Helena diz que na turma não tinha ninguém politizado, mesmo os que faziam faculdade não se envolviam. O centro da cidade não era muito frequentado pelo público zona sul.

E a gente também na zona sul, a gente não via nada disso, pq essas coisas aconteceram no centro da cidade, passeatas, essas coisas. Então a gente não ia pro Centro da cidade. Sei lá quantas vezes eu fui pro centro da cidade quando eu era garota. Só vivia Ipanema, Copacabana, Copacabana e Ipanema. Então não acontecia nada disso por aqui (MH).

Depois da lacuna deixada nos anos 1970 pelo surfe feminino, Fernanda comenta que depois que voltou do sul, começou a se reinterar no mundo do surfe e percebeu que na apresentação das meninas a praia se esvaziava. Ou seja, inicio da década de 1980 o surfe feminino recomeçava, mas com ressalvas.

Antigamente você ia para os campeonatos, que eu sempre vou, que eu sempre assistia, era ate meio triste de você ver. Chegava na hora das meninas todo mundo ia embora, muitas nem

conseguiam, nem varar a arrebentação pra poder surfar. Quando o mar tava maior, era pior. Era uma coisa que você olhava assim. Todo mundo ia embora. Todo mundo vai embora, ninguém prestigia, elas estão aí dando o maior duro. Não tinham a capacidade que elas têm hoje em dia. Elas eram realmente fraquinhas ainda. A sua coragem lá dentro é em relação ao seu preparo físico (FG).

A partir dos anos de 1990, houve o boom do surfwear feminino e um maior número de meninas buscaram a emoção de deslizar em pé sobre as ondas (o body board feminino já estava estruturado e dominando o cenário mundial da modalidade, no qual até hoje as brasileiras são referência). As escolinhas de surfe tiveram um papel de grande relevância nesse momento⁴.

O surfe feminino só ganha expressão no século XXI, quando Jacqueline Silva, atleta de Santa Catarina, classifica-se em segundo lugar no campeonato mundial feminino e Tita Tavares do Ceará ganha no Havai e se revela em outras competições. Nesse momento a revista *Fluir* lança a primeira revista voltada especialmente para o novo mercado: *Fluir Girls*. O impresso estreou com 60 páginas como anexo da *Fluir*, não sendo vendido separadamente. Sua publicação era bimestral.

Em 2003, o surfe feminino viveu sua primeira produção cultural como protagonista. Em janeiro daquele ano, estreou no Brasil o filme *A onda dos sonhos*, um enredo romântico criado a partir da história de quatro amigas surfistas. Uma delas sonhava em ganhar o campeonato em Pipeline, praia perigosa do Havaí. De qualquer forma, as mulheres mostravam que tinham peito e braço para entrar nas ondas. Não era o fato de serem mulheres que facilitava entrar na onda; pelo contrário, esse era um fator de desconfiança e incapacidade. Elas conquistaram o respeito e a remada da onda.

Para uma mulher, participar da esfera do lazer (em especial, no esporte e em atividades que implicam o uso de espaços e equipamentos públicos) significa, frequentemente, desafiar expectativas de comportamento (e de desempenho) que são fortemente referenciadas em definições estereotipadas de masculinidade (ARANTES, 1993).

⁴ Ver Souza (2003)

O surfe é um esporte que possui valores sociais, históricos e culturais diferentes em cada praia, cidade ou estado, devendo ser assimilado também de formas diferentes de acordo com os valores próprios de cada indivíduo. Mas vemos atualmente uma corrida constante em busca de um padrão estético sempre em mutação, trazendo o permanente desconforto de nunca ser suficientemente boa ou bela. Trata-se de um esporte praticado em um ambiente no qual o corpo se mostra e em que existe a presença fortíssima do ‘mito do corpo perfeito’. Dietas, exercícios e cosméticos se tornam produtos importantes para preservação do corpo na sociedade capitalista, criando um novo discurso de envelhecimento da população.

Concluindo...

O desenvolvimento urbano influenciou diretamente a cultura esportiva do surfe. A urbanização implantada no Rio nas décadas de 1960 e 1970 foi um grande elemento para a difusão dos esportes na natureza (DIAS, 2008, p. 19). O surfe é dotado de um caráter eminentemente urbano, mesmo que praticado na natureza. O reencontro com a natureza, um forte sentido de busca e superação, assim como o esporte moderno são produtos do crescimento das cidades. E em tratando das mulheres:

A presença de mulheres jovens também servia como atração. Se assistir homens fazendo aquilo já era mais ou menos espetacular, em se tratando de mulheres, o sentido de estranhamento e de deslumbre poderia ser ainda maior: para muitos era surpresa ver moças enfrentando ondas com pranchas grandes (DIAS, 2008, p. 115)

Dias (2008) diz que o lazer moderno é uma invenção da cidade. Conviver com pessoas transitando com trajes de banho pelas ruas e comércios em Ipanema, na década de 1960, provocava sentimentos ambíguos de estranhamento e deslumbre.

O surfe, mesmo possuindo raízes anteriores nos povos polinésios, é uma manifestação típica da modernidade. Constitui-se como uma poderosa representação de valores, sensibilidades e desejos. “O esporte é uma das manifestações culturais mais importantes e ajustadas às sensibilidades modernas” (MELO, 2009, p. 18).

No surfe competitivo, segundo Fortes (2009), a adesão das mulheres ao estilo de surfe agressivo corresponde à adoção do estilo masculino para minimizar os preconceitos. Assim, se inserir no esporte é importante, mas deve-se reconhecer que o estilo agressivo é o modelo hegemônico que o esporte promove e a mídia quer.

Os patrocínios para mulheres ainda são infinitamente inferiores em diversas modalidades. A premiação é menor, mas a estrutura do surfe feminino está ficando cada vez mais forte e enraizada. Em 2002, Laila Werneck criou um circuito de surfe exclusivamente feminino e relata que estava revoltada com o fato de as mulheres ficarem em segundo plano, entrando para surfar nas piores horas do mar e muitas vezes sem vagas suficientes para as atletas participarem.

Constata-se uma história da modalidade ligada aos valores da contracultura, dando um sentido e significado a prática ligada a transgressão e rebeldia no período estudado. Mesmo nesse cenário, Maria Helena Beltrão, Fernanda Guerra e Heliana Oliveira participaram da primeira competição de surfe do Brasil, no Arpoador em 1965. Na Federação Carioca de Surfe, fundada pouco antes do campeonato, Fernanda Guerra e Maria Helena estiveram envolvidas, mesmo que indiretamente, como dirigentes esportivas da modalidade que se constituía em meio a preconceitos. O surfe nesse momento ainda não era reconhecido como esporte pelo Conselho Nacional de Desportos, nem pela mídia impressa. Apenas a partir da década de 1990 o surfe feminino se legitima como campo esportivo.

O surfe parece estar vinculado à juventude, saúde, natureza e diversão. Ser surfista representa querer sempre algo novo e inesperado, valores comumente remetidos aos jovens. A praia mais frequentada do Rio de Janeiro está relacionada ao esporte do momento e para encerrar na fala de Maria Helena Beltrão:

Da nossa época para cá foi assim, o Arpoador, foi pro Castelinho, depois posto 9, e foi São Conrado que entrou o negocio do vôo livre. São Conrado foi o boom, a praia do momento. Depois foi todo mundo pra praia do Pepe. Cada esporte do momento. Era o surfe, vôo/asa delta, depois windsurf, depois mais atualmente veio o kit. O esporte dita moda, o esporte que comanda o momento. Eu acho isso muito legal. Agora quem começou foi o surfe foi o primeiro que explodiu com essa historia de ditar moda, surfista era o bom.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, A. A. Consumo e entretenimento: hipóteses para uma antropologia do tempo livre. **Cadernos IFCH**. Campinas, n. 27, 1993.

BARICKMAN, B. J. **O banho de mar no RJ no século XIX e no início do século XX e a repressão policial nas praias cariocas entre 1920 e 1950**. (Tese, Departamento de História). Universidade do Arizona, 2008.

CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. In: **Perspectivas antropológicas da mulher**: sobre mulher e violência. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

DAOLIO, Jocimar. Educação física escolar: uma abordagem cultural. In: **Educação física escolar: ser... ou não ter?** PICOLLO, Vilma. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

_____. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

DIAS, Cléber A. Gonçalves. **Urbanidades da natureza**: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no RJ. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

_____. Novas conformações do campo esportivo: os esportes na natureza. In: **Historia do Esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade (org). São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FEATHERSTONE, Mike. The body in consumer culture. In: **The body**. Sage Publications, 1991.

FORTES, Rafael Soares. **O surfe nas ondas da mídia**: um estudo de *Fluir* nos anos 1980. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

_____. O Surfe no Cinema e a Sociedade Brasileira na Transição dos Anos 1970/1980. In: **Esporte e Cinema**: novos olhares. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009b.

_____. Corpo e gênero nas representações de uma revista (masculina) de surfe. In: **Anais do X Seminário Internacional de Comunicação da Puc/RS**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009c.

GOELLNER, Silvana V. História das mulheres no esporte: o gênero como categoria analítica. In: **Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte**, Recife, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1. p. 1-10, 2007.

_____. Imagens da mulher no esporte. In: **Historia do Esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade (org). São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HALL, S. **Da Diáspora**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro, 2001. Disponível em:

_____. **Mulheres em Movimento**: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro. ANPUH, 2007.

_____. **Esporte, Lazer e Artes Plásticas**: diálogos. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

_____. **Esporte e Lazer**: conceitos. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

SOUZA, Ana Maria Alves. **Evoluindo:** mulheres surfistas na Praia Mole e Barra da Lagoa. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

VERENA ALBERTI. **Manual de história oral** – 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.